O declínio da razão?

Obra defende que a intensificação da crença em superstições e das histerias do último quarto de século está associada ao declínio da razão iluminista. Crítico, o autor descreve as formas pelas quais, as coisas começam a parar de fazer sentido.

por Allan Claudius Queiroz Barbosa UFMG

Como a picaretagem conquistou o mundo
Francis Wheen
Record, 2007, 364 p.

Estranhos e tortuosos caminhos parecem indicar que o mundo corporativo e acadêmico nunca mais serão os mesmos. A crescente e nem sempre racional busca por gurus, magias e mantras de gestão vem sendo paulatinamente substituída pela busca por.... gurus, mantras e magias.

O que está acontecendo com a gestão? Seria nossa área de conhecimento um espaço, por excelência, para a proliferação de estudos com duvidosa origem conceitual ou com finalidades nem sempre associadas ao rigor e à solidez? Na verdade, olhar para nosso umbigo faz com que esqueçamos que o mundo parece cada vez mais tomado por idéias e premissas que, ao invés de avançar, servem como entraves à busca pela libertação do indivíduo.

Francis Wheen, jornalista e escritor premiado, em alentada e perturbadora obra recentemente traduzida e lançada no país, descreve de maneira ácida qual a direção que o mundo segue. Sob o argumento de que os valores do iluminismo que constituem a base da civilização vêm sendo sistematicamente atacados ou mesmo abandonados, faz uma espécie de denúncia daqueles que contribuem para isso, não poupando

filósofos, políticos e pretensos pensadores pós-modernos.

Historicamente identificado com acontecimentos marcantes nos idos da década de 1970, o autor traça uma corrosiva crítica que associa a falência de ideários coletivos fortemente arraigados no pós-guerra com a profusão de autores e idéias pouco convencionais, para não dizer picaretas (como sugere o qualificativo do título).

Nessa linha, a “pujança” desse novo *status quo* ganhou referências que têm seu ponto de partida na obra de Thomas J. Peters e na interminável profusão de títulos e autores que inevitavelmente se associam a conteúdos de pouco valor científico e fortemente identificados com a chamada literatura de auto-ajuda. E, “detalhe”, com aval dos governantes, tanto no velho continente quanto na pujante América. Do lado de lá do oceano, os gastos do governo britânico com consultorias administrativas; ao norte do continente, a busca por soluções pouco convencionais por parte de seus dirigentes são exemplos dados com detalhes pelo autor.

Wheen avança com uma impressionante descrição dos malefícios dos dogmas, considerando o embate das idéias não

como construção de conhecimento, mas como bloqueio ao florescimento do novo. Ironicamente, percebe-se que, se hoje uma idéia pode ser banida assim como seus difusores, a roda gira e pode fazer com que aqueles que antes estavam em situação de desvantagem comecem a reproduzir justamente aquilo que os atingia.

Mas, afinal, o que esta obra traz de valioso aos “apóstolos organizacionais” (leia-se gestores em suas diferentes categorizações e consultores) em sua sempre árdua procura pelo equilíbrio “quase” inatingível entre desejos dos indivíduos, ganhos organizacionais e respeito às regras sociais e coletivas?

Primeiro, por reconhecer que a razão, embora sofra ataques demolidores, ainda se coloca como a verdadeira opção, mesmo que seja desqualificada injustamente. Segundo, por demonstrar que o ouvido de um gestor deve estar atento aos riscos do sedutor canto da sereia que normalmente leva seus seguidores às profundezas obscuras da gestão. E, terceiro, por apresentar uma perspectiva reflexiva com amplitude histórica àqueles que fazem do espaço organizacional seu trabalho e realização.

Também não é possível deixar de lado o fato de que o ambiente da gestão, sujeito a modismos e vaidades, muitas vezes retira qualquer traço de racionalidade no tratamento de assuntos afeitos ao cotidiano das organizações. Isso fica muito evidente quando certas experiências de empresas que aparentavam uma aura de sucesso e onipresença são saudadas como a panacéia moderna. Naturalmente um olhar atento, como o que enfatiza Wheen, permite ter mais cuidado, pois o que ele demonstra de forma incisiva é como esses “exemplos” podem ser desnudados em suas fragilidades e incapacidades.

Muitas outras reflexões surgem dessa obra instigante. A perturbadora frase de George Santayna, de que “aqueles que não conseguem recordar o passado estão condenados a repeti-lo”, citada por Wheen na página 332 de seu livro e reforçada por ele quando afirma que aqueles que “reescrevem ou romanceiam a história, assim como os que se regozijam com seu fim ou sua irrelevância, estão fadados a repeti-la” (página 23), avalizam a profética afirmativa imortalizada por Karl Marx, de que a história se repete uma vez como tragédia e outra como farsa.

Seria este o destino de nossos gestores: repetir erros do passado e perpetuar um *status quo* que não se renova ou tende à perpetuação? A leitura da obra de Francis Wheen, se não aponta respostas, pelo menos serve como alerta e aviso. Para conter a tragédia e evitar a farsa.

Allan Claudius Queiroz Barbosa
Pós-Doutor em Gestão pelo ISEG/UTL
Prof. Associado da Universidade Federal de Minas Gerais
Coordenador do Nig.one/UFGM e do Observatório de Recursos Humanos em Saúde
E-mail: allan@ufmg.br

“Não é possível deixar de lado o fato de que o ambiente da gestão, sujeito a modismos e vaidades, muitas vezes retira qualquer traço de racionalidade no tratamento de assuntos afeitos ao cotidiano das organizações.”